

Um diálogo entre Grant Osborne e G. K. Beale a respeito de Apocalipse 20.1-6: Entendendo o amilenismo a luz das diferenças com o pré-milenismo

Me. Gedimar dos Santos Maia Junior¹

RESUMO

A perícopes de apocalipse 20.1-6 é uma das mais importantes perícopes do livro. Sua importância se dá, pois, é neste trecho que aparece pela primeira vez a ideia do milênio. Ao longo da história, houve diversas interpretações e neste artigo, buscaremos analisar algumas delas a fim de chegarmos a uma conclusão ou não de uma possível visão verdadeira. Para isso, faremos uma breve introdução mostrando a importância do livro, seu contexto imediato e uma possível chave hermenêutica. Após isso, colocaremos Grant Osborne e G. K. Beale para dialogarem. Concomitantemente a este diálogo, traremos outros autores para agregar no nosso argumento crítico. Por fim, tentaremos mostrar os pontos fortes e fracos e qual a nossa posição diante das posições dos autores.

PALAVRAS-CHAVES

Hermenêutica; Amilenismo;
Pré-milenismo;
Grant Osborne,
G. K. Beale.

Esse artigo surgiu após o fechamento do módulo de mestrado oferecido pelo Seminário Betel Brasileiro em São Paulo. Nas aulas, o professor havia desafiado uma resposta amilenista ao pré-milenismo. Naquele momento, os amilenistas não tiveram bons argumentos para apresentar, sobretudo, ao tema do milênio. Por isso, esse texto foi escrito para responder ao professor. A posição deste pesquisador é amilenista e buscaremos analisar o amilenismo comparando-o com outra visão sobre o milênio, a saber: o pré-milenismo.

1. Considerações iniciais

Segundo os autores que escreveram o comentário bíblico publicado pela CPDA (2009, p. 820): “O livro do Apocalipse revela Deus e o seu plano para o futuro. E é tudo verdade”. Acreditamos que todos os estudiosos bíblicos endossam (ou deveriam) esta fala. Porém, ao longo dos anos², algumas visões interpretativas ganharam destaque e através dessas visões muitos representantes surgiram. Dentre os representantes se encontram Grant Osborne e G. K. Beale.

O primeiro defende uma linha pré-milenista e o outro uma visão amilenista. Diante dessas duas lentes, buscaremos ampliar o nosso conhecimento a respeito do amilenismo, pela simples razão de crermos que esta visão é mais coerente. Diante desse propósito, uma das perguntas que responderemos será: no que se refere ao milênio, quais são os argumentos dos amilenistas e dos

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Betel Brasileiro. Mestre (ThM) em hermenêutica e pregação pelo Seminário Teológico Betel Brasileiro. Mestrando (MDiv) em teologia no Seminário Martin Bucer. Professor de teologia e filosofia nos seminários Betel Brasileiro.

² Para saber mais e de forma introdutória a respeito do desdobramento histórico, veja a obra: ERICKSON, Millard J. **Escatologia**. A polêmica em torno do milênio. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 66-130.

pré-milenistas?³ Mas antes de entrarmos no tema, faz-se necessário expormos um pouco a respeito do livro de Apocalipse.

Não podemos perder de vista que o livro de Apocalipse foi escrito com um objetivo. Tenny certa vez disse que (2008, p. 393): “Mesmo que essas passagens sejam interpretadas como se referindo a acontecimentos futuros, a atmosfera de Apocalipse é de hostilidade e opressão”. Ou seja, de alguma forma, o texto de Apocalipse deveria fazer sentido para o seu destinatário ao invés de fazer sentido apenas ao público futurista.

Pensando nisso (o texto de Apocalipse deveria fazer sentido para o seu destinatário), um pouco mais a frente Tenny (2008, p. 393) continuou: “Apocalipse foi escrito para encorajar as igrejas, que sentiam essa hostilidade crescente, e para avisar os cristãos descuidados e negligentes”. Keener, ao comentar a respeito do contexto em que o livro foi escrito, disse que (2017, p. 906): “Muitos textos judaicos⁴ retratavam um reinado intermediário entre o tempo presente e o futuro reino eterno”.

Tendo o contexto em mente, talvez as acusações de Beale (2018, p. 1) frente ao tipo de interpretação tenha o seu valor: “Uma das maiores tragédias da igreja nos nossos dias é o modo tão limitado e incorreto em que Apocalipse tem sido interpretado: um foco obsessivo no futuro fim dos tempos”. Com outras palavras, será que o único objetivo deste livro era de fato revelar o futuro desconhecido por aquele povo?

Para responder esta pergunta precisamos olhar para o gênero literário do livro. De acordo com Osborne (2017, p. 14): “Todos reconhecem que Apocalipse é composto de três gêneros: apocalíptico, profético e epistolar”. A discussão a respeito disso não pode ser resumida em um simples parágrafo, mas, achamos necessário dizer que ela existe e que é importante para a reflexão que faremos adiante.

Voltemos às informações de Osborne. O texto possui pelo menos três gêneros; porém, nos estudos modernos, parece que só existe o apocalíptico (há exceções). Não obstante, poucos exploram o gênero epistolar concordando talvez com o que Osborne disse (2017, p. 14): “O menos importante, apesar de útil, é o fato de ser uma epístola”.

Considerando o contexto dos destinatários imediatos, ou seja, as igrejas que se encontravam na Ásia, será que de fato o único objetivo de João foi ser futurista? Se avaliarmos os conteúdos, veremos que há uma certa preocupação pastoral ali, ou seja, um certo olhar ao mundo

³ É importante deixar claro que nem todos os pré-milenistas concordam com as conclusões de Osborne. A razão disso é porque, há duas escolas pré-milenistas, a saber: a escola histórica e a escola dispensacionalista.

⁴ Ele citou alguns exemplos: o de 4 Esdras 7.28-30; 2 Baruque 29.3; 30.1-5; 40.3” in: (KEENER, 2017, p. 906).

presente. Como disse Carson (2014, p. 540): “As visões de João são uma fonte de consolo para crentes sofrendores e perseguidos de todas as épocas”. Porém, isso é assunto para outro artigo.

Não poderíamos deixar de dizer que o livro de Apocalipse contém várias alusões do Antigo Testamento. Citando um exemplo, Beale e Carson certa vez disseram que (2014, p. 784): “A passagem de Isaías 24.21,22 é a base para Apocalipse 20.2,3”. Não temos espaço neste artigo para explorarmos mais a respeito deste assunto, mas podemos adiantar que há muito a ser analisado.

Por fim, a leitura do Apocalipse exige do leitor certas decisões. Por exemplo, o verso de Apocalipse 1.19 – “*Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer*”, é central para compreender os eventos futuros. Vejamos um exemplo. Beale, ao introduzir o seu comentário de Apocalipse, fez a seguinte comparação (2018, p. 26-27):

Visão futurista	Comentário de Beale sobre o futurismo
As “ <i>coisas que viste</i> ” referem-se, nessa perspectiva, à visão inicial do passado descrita nos versículos imediatamente precedentes.	A ordem para escrever “ <i>as coisas que viste</i> ” não parece ser apenas uma referência ao passado ou ao que João viu nos versículos precedentes. Parece antes retomar 1.11, em que a voz angélica diz a João: “ <i>o que vês escreve</i> ”.
As coisas “ <i>que são</i> ” dizem respeito à situação presente nas sete igrejas, conforme aborda.	“As que são” referem-se inteiramente a fatos que estão acontecendo no tempo presente das sete igrejas.
As “ <i>coisas que hão de acontecer depois destas</i> ” são os acontecimentos do futuro, especificamente a volta de Cristo e os acontecimentos imediatamente anteriores a ela.	Essa última cláusula não deve ser limitada a acontecimentos do futuro distante, mas, antes, inclui todos os acontecimentos do período entre a ressurreição e a volta de Cristo.

Conforme vimos no quadro, parece útil, antes do estudo do livro de Apocalipse, tomar certas decisões hermenêuticas e para ser capaz de decidir o leitor precisa sair da dimensão das teologias sistemáticas e se envolver com o estudo da hermenêutica, exegese, teologia histórica e obras primárias de autores que comentaram o livro de apocalipse.

Este artigo buscará fazer este movimento. Ou seja, ao invés de confiar piamente nos autores sistemáticos, buscaremos nas fontes primárias de dois grandes estudiosos contemporâneos, analisar suas diferenças e de forma honesta nos posicionarmos na linha que concluímos ser a mais coerente com a verdade. A pergunta central deste artigo será a seguinte: é possível defender a posição amilenista? Estamos cientes que esse texto não irá resolver a questão na amplitude mas acreditamos que a leitura desse texto poderá fomentar outras pesquisas.

2. A discussão acerca da função da fórmula Καὶ εἶδον [*Kai eidon*]

O primeiro elemento de destaque a ser discutido será a composição da conjunção Καὶ [kai, trad.: “e ou então”] com o verbo aoristo ativo indicativo εἶδον [eidon, trad.: “V?”]. Se olharmos, por exemplo, as Bíblias em língua portuguesa, encontraremos as seguintes traduções: a NVI traduziu como “*v*”. A NVT demonstrou como “*então v*”. Já a NAA manifestou como “*então v*”.

Por fim, a ARA21 interpretou como “*vi*”. Diante dessa análise é correto afirmar que não há concordância na tradução. Embora, no primeiro momento esta discussão pareça irrelevante, veremos que a escolha por um dos tipos de tradução, desembocará em duas visões: uma defendida por Grant Osborne e a outra por G. K. Beale.

De acordo com o primeiro (Osborne), esta fórmula conecta este trecho às cenas anteriores de forma cronológica. Ou seja, o trecho de Apocalipse 20.1-6 sucede a um conjunto de cenas que se inicia no capítulo 17 e desemboca no capítulo 20.7-15 – onde trata a respeito do juízo final. “Com base no uso dessa expressão em todo o livro, creio que ela não seja um indicador temporal. Há uma sequência narrativa, e os acontecimentos na visão se sucedem” (OSBORNE, 2017, p. 781). Neste sentido, a tradução da NVT e NAA [“então vi”] de certa forma, ajuda na sustentação deste argumento.

Para Beale (2018, p. 395), tal interpretação não pode ser sustentada, pois, ele entende que esta fórmula funciona como uma palavra de transição que surge após o encerramento de uma ideia anterior: “(...) com frequência em Apocalipse “e/então” funciona como uma palavra de transição que simplesmente indica uma nova visão e não necessariamente uma sequência “cronológica””⁵.

Resta-nos investigar o pano de fundo que está por detrás dessas conclusões. Beale chegou a esta conclusão porque sua lente hermenêutica é diferente da visão de Osborne. Ele vê o texto em vários momentos como “simbólicos” (2018, p. 396) e Osborne, até onde pudemos perceber, de forma mais “literal”. Este defendeu a estrutura do texto num plano cronológico, e desta forma, parece-nos que não há muito que explorar. Mas, e aquele? Como ele explicaria a relação entre o capítulo 20 e os capítulos 17-19?

Como introdução a explicação, Kistemaker (2014, p. 691) pareceu-nos útil quando disse: “Observamos que o capítulo 20 apresenta um quadro que é concorrente com os capítulos antecedentes que narram cenas repetitivas do julgamento”. Sua fala cria uma tensão de lentes, principalmente quando expressa a ideia da “repetição”. Ou seja, se o capítulo 20 é um reforço de ideias que já foram expostas nos capítulos anteriores, logo a ideia cronológica já não faz sentido.

As traduções da NVI e ARA21, também parecem contribuir para uma possível explicação. Quando lemos “Vi” sem a conjunção, a sua forma pode corroborar no sentido de conduzir o leitor a um entendimento de que um novo assunto se inicia; ou considerando as contribuições de Hendriksen (2021), o assunto está sendo explorado, ora por meio de um reforço ora por uma função de ampliação.

⁵ Partindo de uma interpretação eclética, ou seja, não idealista, Duvall chegou à mesma conclusão que Beale: “John frequently uses the expression “and I saw” (kai eidon) to move from one vision to another, but not necessarily to indicate a chronological sequence (e.g., in the immediate context in 19:11, 17, 19; 20:1, 4, 11, 12; 21:1)”. In: DUVALL, J. Scott. **Revelation**. Teach the Text Commentary. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2014, p. 276.

Concordando com Kistemaker, Beale entendeu que o capítulo (2018, p. 395): “20.1-6 refere-se ao curso da era da igreja, que precede temporalmente a narrativa do juízo final nos capítulos 17-19, enquanto, por outro lado, 20.7-15 recapitula a descrição do juízo final em 19.11-21”. De outra forma, a semelhança de temas vistos nos capítulos 17-19 e 20.7-15 faz Beale romper com a ideia cronológica de Osborne e concluir que embora o assunto da prisão de Satanás seja posterior ao tema do juízo (registrado em 17-19) ele não se refere ao futuro sequencial, mas está relacionado com o seu contexto imediato de um reino que não haverá de vir, mas que já está vigorando.

Portanto, as diferenças entre as lentes hermenêuticas, a luz do que vimos se resume em: por um lado, os pré-milenistas entendem que Apocalipse 20.1-6 é uma cena que depende das outras para fazer sentido; por outro, os amilenistas concluem que este trecho antecede inclusive os capítulos 17-19, pois compreendem que os conteúdos destes capítulos serão explorados na sequência do capítulo 20 versos 7 a 15.

Isso fará ainda mais sentido quando pensarmos a respeito de como ambas as linhas defendem o milênio. Esse será o nosso próximo tema.

3. A discussão a respeito do milênio

Osborne, após a exposição de como os judeus compreendiam esse assunto na época em que João escreveu o livro, levantou a seguinte questão (2017, p. 784): “Devemos considerar esse tempo como um reinado literal de mil anos ou apenas como mais um caso de uso simbólico dos números?”. Esta será a questão que trabalharemos agora, principalmente no que se refere às respostas de ambos os estudiosos. De outra forma, sobre esse assunto há concordância?

Não obstante, parece útil expormos rapidamente o entendimento geral das lentes adotadas por cada um, até porque, a ideia por detrás dos termos amilenismo e pré-milenismo está relacionada diretamente ao entendimento do milênio.

3.1 *A visão pré-milenista*⁶

“O termo “pré-milenarista” é derivado de três termos latinos que o compõem: *pre* (“antes”), *mille* (“mil”), e *annum* (“anos”). O prefixo “pré” significa que Jesus retornará antes do milênio a fim de estabelecê-lo” (GENTRY JR, 2003 p. 147). Beale concluiu que (2018, p. 395): “(...) os pré-milenistas acreditam que o milênio ocorreria depois da segunda vinda de Cristo”. De outra forma, mas usando as palavras de Tenny (2014, p. 397-398), esta escola afirma que:

⁶ É importante dizer que a visão pré-milenista adotada por Osborne é histórico-clássico. Há uma outra escola de interpretação conhecida como “pré-milenismo dispensacionalista”. Para saber mais a respeito desta veja: WALVOORD, John. **Revelation**. Chicago: Moody Publishers, 2011.

Cristo voltará pessoalmente para iniciar seu reinado; os justos serão ressuscitados, reinando somente com ele na terra durante mil anos; após seu reino, haverá uma rebelião final que será imediatamente reprimida; e os ímpios serão julgados, momento em que se inicia o estado eterno.

Ou seja, considerando os comentários dos estudiosos acima, os pré-milenistas defendem que a igreja não está vivendo o período de mil anos; pelo contrário, o evento (1000 anos) só acontecerá após a segunda vinda pessoal de Jesus concomitantemente com a ressurreição dos justos e isso se desdobrará com a rebelião de alguns, o julgamento final e o estado eterno.

Até aqui, tudo bem. Mas o que pensa Grant Osborne a respeito da sua posição? Eis então a resposta (2017, p. 779):

O pré-milenismo crê que Cristo retornará à terra, destruirá as forças do mal e reinará neste mundo por mil anos. Tal período terminará com a rebelião e a destruição definitiva de Satanás, seguida do juízo final e do início da era futura.

Considerando as palavras de Osborne como autoritativa no assunto, até porque, esta é a posição que ele endossa, vimos que de forma geral há certa concordância (com as definições dos estudiosos) no entendimento do termo. Mas poderíamos dizer o mesmo da definição do amilenismo?

3.2 *A visão amilenista*

Gentry Jr, um pós-milenista, certa vez disse que (2003, p. 127): O termo “amilenarismo” deriva-se de “*a*” (que significa “não”), *mille* (“mil”) e *annum* (“anos”, ou seja, “mil anos”). Depois da análise dos termos, ele contribuiu com uma definição (GENTRY, 2003, p. 127): “O ponto de vista amilenarista nega o reinado de Cristo sobre a terra durante mil anos ou mesmo qualquer situação do tipo milenar predominante na terra na ordem anterior à consumação”.

A definição acima apresenta um ponto importante ligado ao verbo “negar”. Resta-nos agora avaliar se de fato os amilenistas afirmam isso. Mas antes de observarmos a definição amilenista, o próprio Osborne já refuta essa ideia de negação. Vejamos a sua definição:

O amilenismo sustenta a visão de que não haverá um reinado literal de Cristo após a *parúsia*. Os proponentes dessa posição dizem que Cristo está reinando agora, durante a era da igreja. Mais propriamente, Apocalipse 20.1-10 é simbólico e descreve a situação durante a era da igreja, entre os adventos de Cristo.

Após a definição, precisamos agora esclarecer o que se entende por “refutação”. Se levássemos o argumento de Gentry ao pé da letra, a ação seguinte resultaria num desprezo cego da

visão amilenista. Quando Osborne definiu, ele ampliou sua análise esclarecendo de forma mais responsável a posição na qual ele não endossa.

Porém, o comentário do Gentry não foi incoerente. O próprio Beale busca esclarecer esta questão (2018, p. 395): “É melhor referir-se a essa terceira visão como “milenismo inaugurado”, uma vez que “amilênio” significa literalmente “nenhum milênio””. Desta forma, podemos perceber que até os próprios amilenistas entendem que este termo precisa de esclarecimento. Porém, isso não quer dizer que seja mais honesto reduzir o amilenismo a uma ideia de “negação”.

Portanto, uma definição respeitando as peculiaridades já vistas seria dada por Beale. Para os amilenistas (2018, p. 395): “o milênio começou na ressurreição de Cristo e será concluído imediatamente antes da sua segunda vinda. Essa visão tem sido chamada de amilenismo”. E neste sentido, as contribuições de Osborne estão mais próximas do que a de Gentry.

3.3 Os argumentos a respeito do termo *χίλια ἔτη* [*chilia ete*]

Passemos agora a avaliar as interpretações a respeito da expressão: *χίλια ἔτη* [*chilia ete*]. De outra forma, quais são as contribuições das lentes a respeito dos “mil anos” ou como eles compreenderam e por quê. Segundo Osborne (2017, p. 784): “A resposta depende, em grande medida, das decisões exegéticas anteriores sobre o sentido dos números mencionados no livro”. No entanto, quais são essas decisões? A resposta está relacionada a se *χίλια ἔτη* e outros números são simbólicos ou não.

Não há dúvidas que, seja qual for à lente adotada, ambos concordam que alguns trechos devem ser interpretados de maneira simbólica. Embora Walvoord interprete os mil anos como literal, ele confessou que algumas passagens devem ser interpretadas como simbólicas (2011, p. 4):

O simbolismo ocorre em toda a Escritura como um veículo para a revelação divina, principalmente no livro final do NT, porque devido ao seu caráter apocalíptico, este livro contém mais símbolos do que qualquer outro do NT.

A posição de Osborne sobre os mil anos é “surpreendente”⁷ (2017, p. 784):

(...) devemos considerar esse tempo como um reinado literal de mil anos ou apenas como mais um caso de uso simbólico dos números? A resposta depende, em grande medida, das decisões exegéticas anteriores sobre o sentido dos números mencionados no livro, como 144 mil (7.4) ou 42 meses (11.2). Se esses outros números são simbólicos (conforme argumentei nessas passagens), então é provável que esses mil anos também o sejam. Múltiplos de dez eram, frequentemente, usados nos escritos

⁷ Este artigo foi escrito após ter escutado que Osborne era um literalista. Com outras palavras, ouvimos na sala do mestrado que ele defendia a literalidade dos mil anos. Por esse motivo, usamos a palavra “surpreendente”, pois, após a validação do artigo, o Doutor Paulo Cesar nos mostrou que isso não era verdade.

judaicos de forma simbólica, e é provável que a expressão aqui se refira a um período de tempo indefinido, mas perfeito.

As palavras de Osborne já mostram a diferença entre as duas escolas pré-milenaristas. Enquanto Walvoord crê que os “mil anos” são literais, Osborne entende que é simbólico. Concordando com o segundo, ao interpretar a expressão *χίλια ἔτη* [*mil anos*], Beale (2018, p. 408) concluiu que: “não se trata de um número literal cronológico”. No caso da visão amilenista, no primeiro momento, a opção pelo uso simbólico, não depende muito de outros elementos implícitos no texto (no sentido cronológico), como por exemplo: “a prisão de Satanás durante os mil anos”⁸. O motivo é porque em outras passagens os números são interpretados de “forma simbólica” (BEALE, 2018, p. 408).

Beale amplia o seu argumento dizendo que a expressão vista em Apocalipse 22.5 “viverão pelos séculos” é uma continuação do reino que já foi inaugurado (2018, p. 412):

A afirmação em 22.5 de que os santos “reinarão pelos séculos dos séculos” na eternidade é uma continuação do reinado que começou durante o período milenar, e não deve ser sobreposta a 20.4-6, como se os dois reinados fossem simultâneos.

Ou seja, neste sentido, os amilenistas crêem também de forma sequencial, mas apenas na parte final de Apocalipse. E o motivo para isso está relacionado com a ressurreição. Este grupo entende que “a primeira ressurreição é espiritual e a segunda física” (BEALE, 2018, p. 412).

O ponto dessemelhante continua sendo a discussão que envolve o termo *Καὶ εἶδον* [*Kai eidon*]. Aliás, mesmo que haja uma concordância a respeito da interpretação dos mil anos, o papel de satanás nesse período os separa. Sobre isso disse Osborne (2017, p. 786):

Nessa passagem, Satanás não “engana” até 20.7-10, quando ele é solto, como declarado na última frase: “até que os mil anos se completassem”. Depois disso é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo”. O “é necessário” divino significa que Deus determinou ser necessária a soltura do Diabo por um breve período final.

Perceba que Osborne faz um apontamento interessante. Para ele, no trecho de Apocalipse 20.1-6 satanás não engana ninguém. Parece que o diabo passa a enganar a partir do momento que o milênio se encerra.

⁸ A ideia de não depender do relato citado não quer dizer que não haja uma interpretação ou relação. Pelo contrário. No entanto, como veremos a seguir, um dos argumentos que os pré-milenistas usam para sustentar que os mil anos não são simbólicos e, portanto, haverá de acontecer após a primeira volta de Jesus, está literalmente ligado à cena da prisão de Satanás. Já os amilenistas interpretaram esta cena como algo que já está acontecendo em nossos dias. Para saber mais sobre veja: (BEALE, 2018, p. 395-434).

Beale, de certa forma, concorda com essa ideia, no entanto, para ele, a cena da impotência de satanás se dá na “presente era”, mas com uma ressalva, pois o diabo não pode enganar os cristãos na área espiritual (2018, p. 403): “A selagem dos cristãos (7.3; 9.4) não os protege em todos os aspectos, mas apenas do dano espiritual mesmo que eles possam ainda sofrer perseguições físicas”.

Ao lermos a conclusão de Osborne fica claro que ela não dialoga com o conceito simbólico de Beale. Com suas palavras, vejamos como ele concluiu (p. 2017, p. 786):

Durante mil anos, aquelas pessoas entre as nações que adoraram a besta estarão sob o controle soberano de Jesus e serão governadas pelos santos. Elas não experimentarão a interferência de Satanás em sua vida nem serão enganadas de forma alguma por ele. Tudo que elas vivenciarão será o governo bondoso do próprio Jesus. Contudo, depois de um tempo equivalente a catorze períodos de vida de bondade imposta, tão logo Satanás seja solto, essas pessoas novamente se permitirão ser “enganadas” e o seguirão.

Nos termos da lente pré-milenista, há uma sequência cronológica clara. Toda a terra estará sob o domínio de Jesus, porém, após um período de paz, muitos preferirão continuar numa vida miserável de engano e voltarão a seguir o diabo.

É bom deixar claro que não podemos reduzir a discussão apenas ao trecho analisado (Apocalipse 20). O que dá suporte às lentes hermenêuticas vai muito além do que esboçamos aqui. Porém, não podemos descartar a utilidade dos elementos que escolhemos a fim de analisar as duas visões.

De um lado, vimos um erudito que defende uma interpretação cronológica do texto de Apocalipse e do outro uma interpretação atemporal, ou seja, o livro deve ser interpretado tendo em vista que em vários momentos o autor recebe o seu conteúdo. Inclusive, conforme vimos, a grande diferença entre os autores está ligada à decisão exegética de optar ou não por linha cronológica.

De outra forma, a posição cronológica defende que Jesus virá reinar por um período de mil anos (segundo Osborne, uma expressão figurativa) e Satanás será solto e por fim virá o fim. Já Beale compreendeu que Jesus já inaugurou o seu reino e Satanás já está trabalhando contra esse reino, mas impotente no que se refere a vida espiritual dos salvos.

Considerações finais

Após a exposição deste artigo, gostaríamos de esclarecer que há outros temas dentro de Apocalipse 20.1-6 que não abordamos de forma mais profunda no artigo. Vejamos pelo menos mais duas questões: Se o milênio está em vigor, como explicar as ações do diabo hoje, haja vista que o texto bíblico diz que ele estaria preso durante o milênio? E, como a figura do anjo sustenta

o argumento dos amilenistas de que o milênio já foi inaugurado por Cristo? Essas questões deverão ser trabalhadas em outro artigo por pelo menos dois motivos: o primeiro porque nosso objetivo à luz do texto de Apocalipse 20.1-6 foi compreender as lentes ligadas ao tema do milênio. O segundo motivo foi por causa do pequeno espaço que tivemos neste artigo.

Também devemos esclarecer que para um entendimento mais amplo do tema das lentes, é necessário discorrer sobre os assuntos faltantes. Não podemos adotar lentes teológicas à luz de interpretações de parte de textos. Além do mais, o entendimento da figura do anjo e da figura de satanás é fundamental para um entendimento mais holístico não só de apocalipse 20.1-6, mas de todo o livro.

Antes de escrevermos esse artigo, ouvimos na sala de aula que os reformadores eram hipócritas pois, segundo o professor, eles defendiam a literalidade da Bíblia, mas ao lerem Apocalipse eles adotavam um olhar simbólico. Sobre isso, ficou claro neste texto que não importa qual escola o teólogo esteja, ambas defendem que em alguns trechos a interpretação simbólica é importante.

Da mesma forma, é incoerente ouvir os pré-milenistas, sobretudo da escola dispensacionalista (posição do professor), dizerem que são mais honestos ao defenderem a literalidade do texto mas quando chegam nas passagens que relatam coisas como: (1) “cavalos com cabeças de leões, de cuja boca sai fogo, fumaça e enxofre” Ap 9.17-18; (2) “gafanhotos que se assemelham a cavalos, têm coroas na cabeça, mas o rosto é de homem, os cabelos de mulher, os dentes de leão e têm couraças de ferro” Ap. 9.7-9; interpretam-as de forma simbólica.

Diante de textos difíceis (como boa parte do texto de Apocalipse) devemos adotar a hermenêutica da humildade conforme nos ensinou Osborne (2017, p. 18): “Assim, ao interpretar os símbolos de um livro, precisamos primeiramente de uma “hermenêutica da humildade” para admitir que “vemos como por um espelho, de modo obscuro”” (1 Co 13.12).

À luz deste comentário de Osborne, respondemos à pergunta deste artigo: é possível defender a visão amilenista? Em resposta, dizemos que sim. Parece-nos mais seguro olhar para o milênio com as lentes amilenistas. Para justificarmos, usaremos os elementos expostos anteriormente, mas, existem outras razões que serão discutidas em outros artigos.

O motivo é que concordamos com Beale de que o texto de Apocalipse 20.1-6 não está ligado de forma cronológica ao texto do capítulo 19. Ou seja, este primeiro trecho antecede as cenas dos capítulos 17-19 e os assuntos destes capítulos são reforçados na segunda parte do capítulo 20.7-15.

Sobre o sub-título desse artigo, a saber: *entendendo o amilenismo a luz das diferenças com o pré-milenismo*, ficou claro que o amilenismo não defende uma visão cronológica bem como um reinado

simbólico no futuro. Pelo contrário, com a encarnação de Jesus o seu reino teve o seu início e sua igreja peregrina confiante que ele voltará e do futuro só restará a Nova Jerusalém.

Por fim, precisamos pontuar que existem falhas nesta visão, coisas que só saberemos quando estivermos com Deus. Um exemplo: Balaam em algum momento disse que o inimigo será solto. O texto bíblico é claro ao dizer que ele será solto a fim de enganar muitos. No entanto, na visão amilenista Cristo virá de forma imediata, ou seja, se Cristo virá ao mesmo tempo em que o diabo será solto, quem o diabo enganará?

Questões como esta, poderá levar o leitor deste artigo a adesão dos argumentos pré-milenistas. Pois, nos parece que a explicação a respeito disso é mais coerente. Porém, mesmo diante deste problema, aplicamos aqui a hermenêutica da humildade, entendendo que uma coisa é certa: Cristo voltará.

O artigo foi recebido em: 15/11/2024 e aprovado em: 15/01/2024.

Referências bibliográficas

- BEALE, G. K. **O brado de vitória**. Um breve comentário do livro de Apocalipse. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- _____ & CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BLAISING, Claig A. & BOCK, Darrell L. **Dispensacionalismo progressivo**. Niterói, RJ: Concílio, 2020.
- DUVALL, J. Scott. **Revelation**. Teach the Text Commentary. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2014.
- DIVERSOS AUTORES, **Comentário do Novo Testamento**. Aplicação pessoal. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- ERICKSON, Millard J. **Escatologia: A polêmica em torno do milênio**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- GENTRY JR, Kenneth L. **Pós-milenarismo para leigos**. Brasília: Editora Monergismo, 2003.
- HENDRIKSEN, William. **Mais que vencedores**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021.
- KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Apocalipse**. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014.
- OSBORNE, Grant. **Apocalipse**. Comentário. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- RUSHDOONY, R. J. **O plano de Deus para a vitória** O significado do pós-milenarismo. Brasília: Monergismo, 2008.
- SANDLIN, Andrew. **Pós-milenarismo: um guia introdutório**. Brasília: Monergismo, 2014.
- TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento: Sua origem e análise**. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.